TL1516

COLOQUIO

SOBRE

"TIMOR E O PACIFICO"

ORGANIZADO PELA

COMISSAO EVENTUAL PARA ACOMPANHAMENTO DA SITUAÇAO DE TIMOR LESTE

DA

ASSEMBLEIA DA REPUBLICA

COMUNICAÇAO: "ANALISE GEOPOLITICA DA BACIA DO PACIFICO"

BRIGADEIRO GARCIA LEANDRO

25 DE MARÇO DE 1994

"ANALISE GEOPOLITICA DA BACIA DO PACIFICO"

BRIGADEIRO GARCIA LEANDRO

Comunicação apresentada no Colóquio organizado pela Comissão Eventual para Acompanhamento da Situação de Timor Leste da Assembleia da República em 25 de Março de 1994.

A - INTRODUÇAO

Antes de quaisquer outras palavras desejo felicitar a Comissão Eventual sobre Timor na pessoa do seu Presidente, Prof. Dr. Adriano Moreira, pela organização desta jornada e agradecer o convite que me foi feito para nela participar com uma comunicação subordinada ao título "Análise Geopolítica da Bacia do Pacífico".

Por outro lado gostaria de citar o interesse com que intervenho neste colóquio também pela honra e gosto de estar lado a lado com o escolhido naipe de conferencistas convidados para dar a sua colaboração a esta Comissão da Assembleia. No meu tema haverá pontos que não desenvolverei para evitar invadir questões mais especializadas que irão ser apresentadas por estas entidades.

Creio ser importante para os responsáveis políticos e para os operadores económicos conhecer a globalidade e a interdependência das questões da Bacia do Pacífico, bem como compreender o porquê do percurso de certos países que ali estão inseridos. No caso português, especialíssimo no contexto europeu, o interesse põe-se a três níveis:

- Como país membro da União Europeia, nas suas relações com a Bacia do Pacífico;
- Como país com responsabilidades e preocupações específicas no

caso de Timor, o que o levará a um comportamento próprio nas suas relações com a Indonesia e com a Austrália;

- Nos mesmos moldes relativamente a Macau, o que pressupõe também todo um conjunto de procedimentos e atitudes adequados, fundamentalmente no seu relacionamento com a R.P. da China, Taiwan e Hong Kong.

É, assim, essencial para que todos os envolvidos possam assumir em cada momento o discurso e as atitudes mais correctas que se conheça bem a área.

Embora eu não me considere um especialista profundo sobre esta região pois nela apenas vivi cerca de seis anos e meio (27 meses em Timor e 50 meses em Macau), pude visitar quase todos os países da área e nunca deixei de a acompanhar e estudar mesmo afastado geograficamente, por força de comunicações que ao longo dos anos sobre ela tenho vindo a realizar.

Este acompanhamento permanente, (embora à distância a partir de certa altura), faz de imediato ressaltar dois aspectos significativos em termos geopolíticos: - Trata-se da região que mais se tem modificado desde a II Grande Guerra e onde desde o início da década de 80 se começou a desenvolver e a aprofundar o conceito de interesses comuns entre os países a ela pertencentes ou seja o conceito de Comunidade do Pacífico.

Curiosamente, e contrariamente ao que tem ocorrido no resto do globo, estas alterações não foram consequência da queda do muro de Berlim em 1989, nem do final da guerra fria.

Foi toda uma progressão que veio a ocorrer desde os anos 60, principalmente após o final da guerra do Vietnam e que merece uma analise cuidada.

Sendo a Geopolítica a ciência que procura estudar as relações entre a Geografia e o Poder e para estes estudos exista uma metodologia própria em que todas as questões relacionadas com a Geografia Física e Humana são analisadas para depois se tirarem conclusões, no caso concreto, face ao curto espaço de tempo disponível e ao nível de conhecimentos desta audiência, utilizarei um processo diferente em que procurarei acompanhar a evolução histórica da região das vésperas da 2ª GG até aos dias de hoje, no qual os diferentes factores de análise geopolítica irão surgindo de uma forma implícita.

Por que se tornou esta região hoje tão importante para o sistema global?

São de recordar duas afirmações feitas na década de 80 pelos responsáveis das duas superpotências:

- Em Outubro de 1984, o então Presidente Ronald Reagam afirmou:

  " O Pacífico é onde o futuro do mundo se encontra ".

- Mais tarde, em Julho de 1986, em Vladivostok, Mikhail Gorbachev dizia:

  " A situação no extremo oriente, na Ásia e nas vastidões oceânicas vizinhas, onde somos habitantes permanentes e navegadores de longa data e, para nos de interesse nacional e de Estado ".

É o reconhecimento formal da sua importância.

B - RAZOES PARA A IMPORTANCIA CRESCENTE DA BACIA DO PACIFICO

Por que é necessário para o espírito humano ser analítico, para perceber as grandes questões antes de fazer qualquer síntese ou

comentário global, há que tentar encontrar as diferentes razões sectoriais que acumuladas e interelacionadas justificam não só as afirmações citadas, mas a importância crescente da Bacia do Pacífico.

Ao tentar efectuar esta análise considerei de salientar as seguintes doze razões:

1 - O Pacífico ocupa uma área quase igual à de todos os outros Oceanos (Atlântico, Indico e Artico).

2 - Ao seu redor e no seu interior vive mais de 60% da população mundial.

3 - O conflito Norte-Sul é menos forte ali que noutras partes do globo.

4 - Quatro das maiores potências mundiais - EUA, Federação Russa, Japão, China - nele têm as suas costas.
Tambem algumas potências crescentes a ele pertencem, como sejam o Canadá, a Austrália e a Indonesia.

5 - O crescente interesse da ex-URSS na região Asia-Pacífico, que não será alterado pela Federação Russa e o facto da área ser considerada essencial para os EUA (mesmo apos a implosão da União Soviética).

6 - A recuperação economica japonesa pós - 2ª GG e o seu alinhamento politico - estrategico com os EUA e a Europa.

7 - A vitoria da revolução comunista chinesa (1949) e a evolução da RPC, quer internamente, quer no seu posicionamento interna-

cional.

8 - A descolonização europeia do SE Asiatico, criando um diversificado conjunto de Estados; hoje só existem territórios não autónomos nas ilhas dispersas nos vários arquipélagos do Oceano (dependências dos EUA - R.Unido - França - Austrália - Nova Zelândia).

9 - Investimentos ocidentais, japoneses e árabes (petrodólares), que ligados às características de alguns povos e regimes políticos da Região criaram os chamados milagres económicos.

10 - Em consequência, o aumento do poder aquisitivo por parte das populações, criando mercados anteriormente inexistentes e fazendo crescer as trocas comerciais inter-Bacia em detrimento de outras relações tradicionais.

11 - A excelente reacção de certas economias regionais à introdução de novas tecnologias, bem como uma elevada mobilidade empresarial e da mão de obra às solicitações do mercado.

12 - O facto de desde o inicio da década de 80 se ter vindo a desenvolver um relacionamento inter-Bacia e parecer começar a surgir a consciência de interesses regionais conjuntos que culminaram com a Cimeira da APEC (Asia Pacif Economic Cooperation) de Novembro de 1993 em Seatle.

C - O PERCURSO HISTORICO DOS ACTORES DA BACIA DO PACIFICO

Para percebermos o percurso ocorrido até hoje, podermos tirar conclusões e realizar uma prospectiva iremos acompanhar os povos e

os países da Região pelos períodos em que dividi os últimos setenta anos:

- Até à II Grande Guerra;
- O final da II Grande Guerra e as suas consequências;
- Os anos 60 e princípios da década de 70;
- O Post-Vietnam (1975);
- Os anos 80;
- A década de 90 e o momento actual.

1 - **Até ao início da II Grande Guerra**

a. A existência de uma grande potência regional, de tendências expansionistas e imperialista, a única da área capaz de ter acompanhado a revolução industrial - o Japão.

b. Um gigante adormecido, explorado por todos, difícil de controlar, essencialmente religioso, agrícola e comerciante - a China.

c. A presença das grandes potências imperiais - O Reino Unido, a França, a Holanda, os EUA, a União Soviética, mas também parte do império português de então.

d. A expansão das superpotências que vieram dominar a segunda metade deste século para a costa da Ásia - Os EUA pelo mar e a URSS à custa de sucessivos povos por terra.

e. Um SE Asiático pobre, colonizado, essencialmente agrícola.

f. Um relacionamento privilegiado de cada parcela da Região com a Metrópole colonial em detrimento da relação com o vizinho.

g. O poder económico e militar do cristianismo sobre o islão, o budismo, o induismo e outras religiões locais.

2 - O final da II Grande Guerra e as sua consequências

a. A super-potência regional, o Japão, é completamente aniquilada e vai-se reconstruir à custa dos EUA, quer sob o ponto de vista de arquitectura política, quer sob o do financiamento.

O seu alinhamento politico torna-se marcadamente pró-americano.

Não tendo já o dominio dos mares o novo Japão tem de se aliar à Potência Maritima dominante.

b. As potências europeias exaustas pela II Grande Guerra concedem independências, afastando-se da região. Apenas com alguma importância e através de outros se manteve o Reino Unido.

c. Por interesse próprio, mas também para fazer face ao vazio deixado pelas potências europeias e à crescente influência comunista, os EUA alargaram a sua influência na região que se torna num lago americano.

Criam uma série de alianças políticas e militares de carácter bilateral e multilateral.

d. A União Sovietica expande-se ainda mais para leste, apoia a guerra da Coreia e diferentes movimentos pró-comunistas na região.

e. A vitoria comunista na guerra civil chinesa apresenta duas

consequências fundamentais: a unificação do país e o receio que a sua sombra se projecte sem resistência em todo o SE Asiatico.

Por outro lado os seus líderes são profundamente nacionalistas.

A China torna-se num modelo mais atractivo que a União Soviética para os países do terceiro mundo.

f. Diversas lutas pela independência, choques étnicos e religiosos, guerrilhas comunistas e guerras civis, marcam os anos 50 e parte dos anos 60 nos países mais pequenos da região.

h. O Canadá, a Austrália e a Nova Zelândia estão de certo modo afastados deste jogo mantendo as suas ligações preferenciais com o Reino Unido.

3 - **A década de 60 até ao final da guerra do Vietnam é marcada por:**

a. O continuo crescimento económico do Japão.

b. O envolvimento dos EUA no SE Asiatico, principalmente no Vietnam e no Cambodja.

c. Apoio ao desenvolvimento económico e estabilidade de alguns países como modo de barrar o caminho para a sua comunização - casos da Coreia do Sul e de Taiwan.

d. O conjunto das lutas anti-comunistas no SE desde o final da II G.G. apresenta-se equilibrado, mas com base em regimes

ditatoriais de esquerda ou de direita.

Ocorreram vitórias na Malásia, na Indónesia e nas Filipinas e derrotas no Vietnam, Cambojá e Laos.

Na Península Coreana houve que optar pela sua divisão.

e. Surge um conjunto de países do Sul que criaram em 8.8.67 a ASEAN querendo formar uma zona de paz fora deste conflitos, mas eles próprios com grandes problemas internos.

De qualquer modo e recusando uma aliança militar estes países estão alinhados pelos EUA (Filipinas, Tailandia, Singapura, Malásia e Indónesia).

f. Ocorre também a retração do dispositivo militar britânico e a sua entrada para o Mercado Comum.

g. É ainda marcante na época o radicalismo do regime chinês durante a revolução cultural (1966-1976), que corresponde aos últimos anos do maoismo, antecipado pela ruptura com a URSS em 1961.

4 - O post-Vietnam/Cambojá em 1975 teve consequências geopolíticas e geoestratégicas que alteraram todo o equilíbrio regional.

Após o final destas guerras ocorre o seguinte:

a. Retração do dispositivo americano cedendo bases no continente e a consequente quebra de prestígio, que em ligação ao caso Watergate provocaram a perda de força dos executivos americanos.

b. Regimes Comunistas radicais implantados no LAOS, VIETNAM e

CAMBOJA.

c. Posições de apoio para as frotas russas nas antigas bases americanas do Vietnam (Danang e Camrhan).

d. O Vietnam e a Indónesia surgem com ambições expansionistas.

e. A saída dos EUA do Vietnam obriga a RPC a ter de compensar essa influência, temendo o excessivo poder soviético e dos seus aliados.

Em 1979, ocorre a invasão do Camboja pelo Vietnam e a deste pela República Popular da China.

f. O Japão continua a sua ascenção económica e alarga a sua capacidade tecnológica.

g. A zona da ASEAN vai mantendo equilíbrio social e progressividade no desenvolvimento económico.

h. O mar continua a ser um lago americano.

i. A China e os EUA aproximam-se (entre 1972 e 1978) e as posições militares extremam-se da parte da União Soviética com qualquer destas potências.

5 - Os anos 80

Este período foi marcado em todo o mundo pelo efeito Gorbachev e pelas suas iniciativas mas já apresentava na região alguns indícios desde o início da década:

a. Em 1980, em Camberra surge o conceito de Comunidade do Pacífico com o interesse manifestado pela Austrália, Nova

Zelândia e Canadá em se integrarem no conjunto.

A Austrália aproxima-se da R.P. da China e as duas dos países da ASEAN.

b. Na R.P. da China ocorreram grandes alterações, com a liberalização económica do sistema, abertura ao investimento e Know - How estrangeiros, bem como ao turismo.

Foi feita uma revisão dos princípios económicos da doutrina marxista - leninista - maoista, procurando corresponder à satisfação das necessidades das populações.

Foram anunciadas as grandes metas de modernização da China para o ano 2000:

Agricultura

Industria

Forças Armadas

Tecnologia

A R.P. da China torna-se menos internacionalista.

c. A emergência do Japão como uma super-potência económica, não o desejando ser em termos militares.

Em 1987, 7 dos 10 maiores bancos mundiais são japoneses e em 1988 nos 7 maiores, 6 são nipónicos.

d. O reforço dos interesses da União Soviética com ambições no Pacífico e um crescimento do seu poder aeronaval.

e. A quebra dos EUA como superpotência economica, com a necessidade de tomar medidas protecionistas.

O Japão tende a ocupar o papel de auxílio financeiro desem-

penhado pelos EUA até então.

Agudiza-se o conflito económico Japão - EUA.

Os EUA finalmente percebem que não se resolvem problemas económicos e sociais com ditaduras familiares ou militares e que nem tais sistemas defendem convenientemente os seus interesses; assim apoiam a transição para regimes democráticos.

f. A excessiva influência soviética ocorrida nos anos 75/79 tem agora o seu reflexo, pois a URSS mostra-se incapaz de manter o apoio económico com os seus satelites - Coreia do Norte - Vietnam - Cuba - Nicarágua, etc.., face às suas dificuldades internas.

g. Desenvolvimento estável da zona da ASEAN, onde apenas o caso das Filipinas é excepção.

Singapura - Malásia - Tailandia surgem com a sua economia em grande expansão; o SE Asiatico apresenta crescimentos do PNB sem competição em todo o mundo.

E a Indónesia emerge como uma potência regional de peso.

h. Regista-se a fulgurante entrada em cena dos 4 tigres asiaticos (Coreia do Sul - Taiwan - Hong Kong - Singapura).

i. Inicia-se o retorno da influência dos países europeus (França, Reino Unido, mas também a Alemanha, a Itália, entre outros).

Em 10 anos o comércio da CEE com o Pacífico triplicou.

j. Entretanto mantêm-se e são desenvolvidos grandes dispositi-

vos militares.

Oito das maiores Forças Armadas do mundo estão no Pacífico -

EUA - URSS - R.P. China - Japão - Coreia do Norte - Coreia do Sul - Taiwan - Indónesia.

l. Necessidade de rever os sistemas politico-económicos dos países comunistas do SE Asiatico, que estão à beira da falência, no sentido da sua liberalização e na sequência das tentativas da URSS e da RP da China.

m. Tendência progressiva para a democratização dos regimes (em 10 anos - 12 nações modificaram os seus sistemas e aceitaram o final do monopólio dos regimes de partido único), sendo de salientar os casos da Coreia do Sul, Taiwan e Filipinas.

n. Iniciam-se processos negociados no sentido da resolução pacífica de certas situações e de alguns conflito:

- A China perante os casos de HKong, Macau e Taiwan;
- As questões que opõem a Russia à China e ao Japão (problemas territoriais);
- O problema interno do Cambojá;
- Os desentendimentos entre a China e o Vietnam;
- A eventual reunificação da peninsula coreana.

o. Os EUA mantém o controlo sobre todo o conjunto de arquipélagos do Pacifico interior situados no hemisferio norte.

6 - A década de 90 e o momento actual

Não se pode analisar o momento actual da Bacia do Pacífico sem o integrar na aceleração da história que ocorreu após a queda do muro de Berlim.

De facto estamos na aldeia global em que com a rapidez das comunicações tudo influencia tudo, mas há valores que podem já ser considerados herança cultural da humanidade, como os Direitos Humanos, embora mesmo estes com leituras diferentes.

Com a falência dos regimes de inspiração marxista, ocorreu também a morte das ideologias e o ressurgir do peso das religiões.

Se aceitarmos o optimismo de Fukuyama podemos ter chegado ao fim da história em termos de sistemas políticos, pois os direitos individuais, os regimes pluripartidários, a economia liberal e a iniciativa privada seriam os objectivos defendidos e a alcançar por todas as unidades políticas.

Mas, mesmo aceitando tal hipótese, o choque entre as unidades políticas não terminou tendo saltado da arena das ideologias para a dos interesses puros, em que a guerra fria em vez de usar os meios militares utiliza o comércio como seu instrumento, sendo que a liberalização económica preconizada pelo GATT é contrariada pela criação dos grandes blocos político-económicos e pela implementação de mecanismos protecionistas.

É neste contexto que nos encontramos actualmente. Como fiz para as fases anteriores tentarei caracterizar o comportamento dos actores no momento actual e introduzirei agora a questão

de Timor, na perspectiva geopolítica.

a. Com o golpe de Estado falhado na URSS em Agosto de 1991 ter-se-á posto um final à Guerra Fria, ou à III Guerra Mundial como lhe chamou Richard Nixon, mas a Federação Russa não perdeu importância no Extremo Oriente e no Pacífico.
Passa por dificuldades mas será sempre uma potência a considerar e ainda não aceitou as reinvindicações territoriais do Japão.

b. Ficou patente a incapacidade de sobrevivência dos regimes comunistas da Ásia, sendo obrigados a resolver os seus conflitos internos, a alterar estruturalmente os seus regimes e a abrir a sua economia ao investimento externo.
O Vietnam, o Cambojá e o Laos aproximam-se dos Países da ASEAN.

c. Mantem-se em aberto a questão coreana, embora o regime do Norte esteja quase completamente isolado.
A integração parece a única saída para o futuro; a questão das armas nucleares Norte Coreanas é já o único trunfo do regime para uma negociação mais equilibrada e sem perda de face com o Sul. Só em caso de grande desespero tais armas seriam para utilizar.

d. A ASEAN afirma-se e deseja formar um mercado interno e abolir todas as tarifas alfandegárias até 2010.
É de salientar que dos 4 Tigres se passou para os 7 Dragões asiáticos (contando-se agora com a Tailandia, Malásia e Indonesia).

Por outro lado, a Coreia do Sul e Taiwan deram saltos tecnológicos notáveis e se já não podem competir com outros países na industria tradicional e de mão de obra intensiva, já concorrem com o Japão nas industrias de ponta e de tecnologia muito avançada.

e. A RPC ir-se-á tornar no século XXI, se não ocorrer qualquer ruptura interna, numa grande potência mundial em todos os campos.

Hoje e embora ainda esteja sujeita a uma estrutura política monolítica, a economia tem sido liberalizada, apresenta os maiores indices de crescimento à escala mundial, e os seus problemas reais são já a gestão pragmática das questões económicas e sociais em detrimento de qualquer discussão de base ideologica.

Com o pragmatismo habitual foi encontrada uma fórmula para a nova situação designada como "economia socialista de mercado".

A gestão de que falei passará pela capacidade de liberalizar o regime também politicamente sem correr o risco de conflitos e secessões semelhantes aos da ex-União Soviética e sem perder o controlo do centro sobre as regiões economicamente mais dinâmicas.

f. A questão de Taiwan ainda está por resolver e se este pais viu cortadas as ligações diplomaticas que tinha no mundo em favor de Pequim, tem averbado importantes vitórias no campo económico, mantendo relações comerciais com quase

todo o mundo e recentemente a visita do seu Presidente aos países da ASEAN foi considerada como o reconhecimento do status-quo.

É discutível se a união política com o continente virá a ser feita e, se o fôr, com a rapidez que Pequim gostaria. Porém, no campo económico existem já 600 empresas de Taiwan com investimentos no continente.

g. Com a Austrália dá-se uma alteração estrutural de monta quando o actual Primeiro Ministro o considera abertamente um país do Pacífico, desejando até 2001 sair da Commonwealth e transformar-se numa República. De momento tem uma situação económica quase terceiro mundista (mercado interno muito protegido, exportação de matérias primas, importação de bens acabados). Não tem capacidade de competição com os países mais dinâmicos da área.

h. Continuam a existir graves problemas de águas territoriais, quer com as ilhas Paracel, quer com as ilhas Spratley, relativamente às quais a RPChina não aceita grandes negociações preferindo a política de facto consumado e estando a desenvolver uma marinha de águas profundas, o que tem assustado os países da ASEAN.

i. Há um ressurgir da presença económica europeia na Região, com grande peso em termos de investimentos e de comércio externo.

j. A questão da segurança e estabilidade da área é essencial

já que se trata de zona com dispositivos militares muito fortes e onde a presença americana tem sido um factor de equilibrio.

Se eventualmente esta presença americana fosse reduzida verificar-se-ia uma corrida aos armamentos e o desejo da China e do Japão marcarem a sua superioridade, o que provocaria naturais reacções.

1. A questão da Indonesia terá de ser individualizada atendendo ao tema que nos reune aqui.

Trata-se de um país heterogeneo com muitas vulnerabilidades e alguns pontos fortes.

Constituindo-se em cerca de 13.000 ilhas, ocupa uma distância ao longo dos paralelos maior que a de Los Angeles a Nova Iorque, sendo a sua unidade nacional artificial.

É o maior país islâmico do mundo, mas ali têm lugar todas as religiões. Existem alguns focos de autonomia para além de Timor, em Sumatra, nas Celebes, no Irian Ocidental (Nova Guiné).

Herdeiro da antiga colonia das Indias Ocidentais Holandesas, o regime indonesio considera-se o detentor natural do poder sobre todo o conjunto que só foi unificado (como noutros casos) devido à força da potência colonial.

Sendo uma ditadura militar e, mais do que isso, familiar, o sistema tem fraquezas e receios grandes por que embora ao longo dos anos tenha vindo a ser executada uma politica de javanização têm aumentado importantes linhas de fractura e o regime já e contestado, quer por Partidos Islâmicos, quer

pelos militares. Já se está a preparar o período post-Suharto.

Porém, face à sua localização geográfica, às importantes linhas de navegação que são controladas pelos seus estreitos, às suas riquezas naturais e ao grande mercado que constitui, o país encontra nos interesses de terceiros o apoio para a sua estabilidade.

Inserido numa área do globo onde o transporte marítimo é muito utilizado, é essencial que exista segurança nos estreitos e nas rotas para todos os actores da Região, nomeadamente o Japão, a Austrália, os EUA e também a China.

Por outro lado, no jogo de interdependências dentro da ASEAN onde todos os países têm as suas vulnerabilidades é preferível tratar com um poder político estável e previsível.

Quer isto dizer que, se no campo das hipóteses, é possível admitir a existência de factores centrífugos que possam, numa situação extrema provocar a desagregação do país, tal não será desejado pelos outros actores da região face à instabilidade que criaria.

A questão dos Direitos Humanos é importante e será sempre um espinho no coração do actual regime, mas não tanto quanto se possa imaginar, já que no Oriente a questão dos Direitos Humanos não é tão sensível como no Ocidente.

Por outro lado, há um certo consenso entre estes países em que os Direitos Humanos estão a ser usados contra todos pelos Ocidentais e pelo Japão como uma arma de estratégia

indirecta a fim de reduzir a sua imbatível capacidade de exportação. Assim a luta pelos Direitos Humanos perde ali alguma credibilidade.

m. TIMOR LESTE

Como já vimos a Região ASIA - PACIFICO é dominada essencialmente por três grandes poderes, EUA, Japão e RP da China. Nada se passará na região sem a intervenção activa ou o consentimento de um destes três poderes.

Em termos de interesses económicos, a União Europeia não quer ficar fora do desenvolvimento explosivo que aqui ocorre e privilegiará as suas relações com os países do Pacífico.

Vários cenários se põem sobre o relacionamento destes quatro grandes poderes sendo certo que nenhum quererá deixar de influenciar o futuro de tão importante área.

Por outro lado, no SE Asiático a ASEAN começa a ganhar credibilidade (é uma associação de sucesso; desde o seu início nunca houve retrocessos no desenvolvimento de qualquer dos seus membros) e, assim, é já um polo de atração para outros, como sejam os Países Comunistas de SE Continental.

O relacionamento com a China e com a Austrália tende a aprofundar-se, fortalecendo as interdependências económicas.

É nesta região surge a Indónesia com uma potência regional em crescimento, passem todas as suas vulnerabilidades estruturais e políticas.

Timor Leste encontra-se numa zona geopolitica que interessa fundamentalmente à Indónesia (em termos de unidade nacional) e também à Australia. Simultâneamente nenhum dos países da região deseja instabilidade que poderia pôr em causa os débeis equilíbrios internos e regionais que têm sido alcançados com esforço, preserverança e habilidade.

Todo o conjunto da Indónesia é muito sensível para a geopolítica do Pacífico envolvendo sempre os interesses dos EUA, Japão, RP China e Austrália, e de um modo indirecto da União Europeia.

Assim, a questão de Timor Leste deixa de ser apenas um problema de autodeterminação e de direitos humanos para ser também uma questão de equilíbrios regionais que a todos interessa.

Quer isto dizer, que qualquer solução para o problema passa fundamentalmente pela Indónesia e em moldes que não afecte a sua estabilidade e os receios sobre o futuro da sua unidade nacional (que repito é artificial).

Gostaria de introduzir uma nota de reflexão.

Admitamos que a História em 75/76 tivesse sido diferente; admitamos que pudesse ter ocorrido um processo mais ou menos pacífico que dentro dos conceitos defendidos por Portugal levasse, a curto ou médio prazo, a uma independência participada de Timor Leste, com o entendimento das duas maiores forças políticas locais (UDT e FRETILIN). Sabemos que esta solução não agradava à Indónesia, que admitia apenas duas hipóteses: ou a continuação da administração

portuguesa, ou a integração no seu próprio território.

Se a independência tivesse ocorrido teriamos uma República estruturalmente fraca qualquer que fosse o ângulo de observação, e que facilmente seria abalada.

Naturalmente pouco sólida, seria sempre muito dependente da envolvente exterior a seu respeito, de tal modo que em qualquer momento seria fácil provocar ali instabilidade.

Esta situação uma vez criada levaria por razões de interesse nacional indónesio, de equilibrios regionais e das sucessivas interdependências de interesses que já expuz (tipo boneca russa) a uma intervenção indónesia no pequeno Timor-Leste. A situação de facto teria sido a mesma, apenas a ordem jurídica internacional e as responsabilidades de Portugal é que teriam sido diferentes.

7 - O FUTURO DA REGIAO

O futuro da Região vai passar muito pelo modo como se desenvolverem as relações entre as grandes potências que aqui marcam o ritmo, ou seja, os EUA, o Japão e a RP da China, sendo dificil fazer previsões.

Se a luta ideológica amainou e se caminha para regimes de referencial semelhante, a politica de poder é uma realidade.

Se os EUA são essenciais como elemento de estabilidade evitando assim o crescimento de apetites expansionistas, já o seu relacionamento com a Região não é fácil por que importa muito mais do que exporta, o que tem vindo a criar grandes tensões.

No caso do Japão, cuja interdependência financeira e tecnológica com os EUA é muito forte, estas tensões são devidas a mecanismos proteccionistas ainda não ultrapassados, a um crescimento baixo do seu consumo interno, bem como à falta de competividade dos produtos americanos.

No caso da China, devido à questão dos Direitos Humanos e à sua ligação às facilidades de exportação para os EUA, mas mais além está o receio de ver a China emergir como uma superpotência.

De qualquer modo a estabilidade da região é um bem que se procura seja de todos e os investimentos de duplo sentido estão a decorrer e a aumentar.

A China irá passar nos próximos anos por momentos de grande tensão previsíveis com a morte de DENG-TSIAO-PENG e desejará evitar a interferência do exterior em todo o seu processo de evolução interna. Os regimes em mutação - de ditaduras de direita ou de esquerda para democracias (mais ou menos) pluripartidárias por que irão enfrentar grandes dificuldades internas também elegerão a estabilidade como o factor primordial.

Os operadores económicos, por maioria de razão, são avessos a qualquer facto que altere a estabilidade, não importando qual a natureza dos regimes ou a legitimidade do seu poder.

A criação de blocos político - económicos com tendências proteccionistas será contrária à estabilidade do comércio mundial que se procura apoiar nos Acordos do GATT. E a maneira de o evitar são as políticas de investimento mútuo e trocas comerciais principalmente com regiões onde a riqueza de materias

primas é grande e existem mercados em crescimento.

Por esta razão a Europa, da União Europeia, está a apostar muito nesta Região, nomeadamente na ASEAN, sem fazer excepção a qualquer dos seus membros.

A Austrália, bem como a Nova Zelândia e o Canadá tendem a aproximar-se dos seus vizinhos amarelos e cor de bronze.

Nos cenários possíveis, e se as relações entre os EUA com o Japão e a China decorressem da pior maneira e a União Europeia não se afirmasse com investimentos e como parceiro comercial importante, a pior hipótese para os países mais fracos da Região e para o comércio mundial seria uma aliança China - Japão, que parece contra-natura, mas não é de pôr de parte se ambos virem nisso vantagens mútuas e de efeitos sinérgicos.

E os últimos desenvolvimentos parecem dar credibilidade a esta hipótese.

De qualquer modo e face à desregulação do sistema global que ocorreu após a implosão da União Soviética e às crises políticas e económicas que ocorrem mais ou menos por todo lado, a palavra de ordem será a procura do regresso à estabilidade.

Nesta perspectiva ninguem sairia beneficiado se simultâneamente com a crise ainda vigente no espaço da ex-URSS, ocorressem situações semelhantes na RP da China, na União Indiana ou na Indonesia.

O sistema global não tem capacidade para enfrentar em simultâneo novas situações semelhantes e a perda de controlo que tal provocaria poderia abrir caminho para crises ou con-

flitos de consequências imprevisíveis.

Assim, a postura dos grandes actores e das organizações internacionais será, em todos os casos relacionados com regimes ditatoriais, a procura da sua transição para regimes democráticos utilizando a pressão em vez da confrontação aberta.

Neste complexo contexto global certas questões fundamentais relacionadas com o direito à autodeterminação e com os direitos humanos poderão infelizmente ser prejudicadas desde que ponham em causa o funcionamento do sistema como tal ou não envolvam interesses directos dos grandes actores da cena internacional.

Tal não pode ser impeditivo da continuação da luta pela defesa dos direitos humanos e pelo reconhecimento da identidade de certos povos, mas é preciso ter a consciência da dificuldade de alcançar, para já, soluções absolutas. Há que ter a noção que progressividade com estabilidade pode ser de momento o limite do possível e que há receios e interesses da parte de terceiros que não podem ser ignorados, sob o risco de se ser irrealista.

Em termos de abordagem geopolítica estas são as ideias que vos desejaria transmitir.

Muito obrigado pela vossa atenção.